



**As relações entre Equador e China na política externa dos governos Rafael Correa (2007-2017): reflexos na estratégia de diversificação de parcerias**

Clarissa Dias Nascimento<sup>1</sup>

**Resumo**

Durante as presidências de Rafael Correa no Equador (2007-2017), a política externa equatoriana seguiu uma assertiva estratégia de diversificação das parcerias, visando reduzir a centralidade das relações assimétricas com os Estados Unidos na inserção internacional do país. O artigo visa analisar as relações do Equador com a China nesse contexto, sustentando que a maior sinergia no relacionamento bilateral permitiu maior êxito ao objetivo equatoriano de ampliar as margens de manobra de sua política exterior.

**Palavras chave:** Equador, China, Rafael Correa, Política externa, Relações bilaterais.

**Relaciones entre Ecuador y China en la política exterior de los gobiernos de Rafael Correa (2007-2017): reflexiones sobre la estrategia de diversificación de alianzas**

**Resumen**

Durante las presidencias de Rafael Correa en Ecuador (2007-2017), la política exterior ecuatoriana siguió una estrategia asertiva de diversificación de alianzas, con el objetivo de reducir la centralidad de las relaciones asimétricas con Estados Unidos en la inserción internacional del país. El artículo tiene como objetivo analizar las relaciones de Ecuador con China en este contexto, argumentando que la mayor sinergia en la relación bilateral permitió un mayor éxito en el objetivo de Ecuador de ampliar los márgenes de maniobra en su política exterior.

**Palabras clave:** Ecuador, China, Rafael Correa, Política exterior, Relaciones bilaterales.

**The relations between Ecuador and China in the foreign policy of the Rafael Correa's governments (2007-2017): reflexes in the strategy of diversification of partnerships**

**Summary**

During the presidencies of Rafael Correa in Ecuador (2007-2017), Ecuadorian foreign policy followed an assertive strategy of diversifying partnerships, aiming to reduce the centrality of asymmetric relations with the United States. The article aims to analyze the Ecuador's relations with China in this context, arguing that the greater synergy in the bilateral relationship has made the Ecuadorian objective of expanding the leeway of its foreign policy more successful.

<sup>1</sup>

Graduanda no curso de Relações Internacionais na Universidade de Brasília (UnB). clarissadn@gmail.com

**Key words:** Ecuador, China, Rafael Correa, Foreign policy, Bilateral relations.

## **Introdução**

Entre 1997 e 2005 o Equador passou por um período de enorme turbulência política, resultante na deposição de três presidentes, num contexto de sequencial implementação de políticas neoliberais no país. Em 2006, num pleito com recorde de participação eleitoral, foi eleito presidente o economista e ex-professor universitário, Rafael Correa, com plataforma política semelhante às dos processos então correntes na Venezuela e na Bolívia, na medida em que pleiteava a refundação do Estado e de suas instituições políticas, sem lançar candidaturas legislativas por seu partido e propondo, no centro de sua agenda, a realização de uma Assembleia Constituinte. Sob sua gestão, marcada pela alcunha do que intitulou como Revolução Cidadã, o Estado recuperou, paulatinamente, sua centralidade na condição de indutor do desenvolvimento nacional, dirigindo importantes programas de distribuição de renda, ao passo em que modernizou a infraestrutura do país.

Em termos de inserção internacional, o Equador correísta estabeleceu uma estratégia de diversificação das parcerias, visando reverter a assimetria e histórica centralidade das relações bilaterais com os Estados Unidos da América (EUA). Ademais, também ensejou esforços para reduzir a influência de organismos internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM) sobre as decisões de política interna e externa nacionais. Como meios para atingir tais metas, o país estimulou e concedeu maior atenção às chamadas relações Sul-Sul, e, principalmente, às oportunidades capazes de fornecer a almejada diversificação de parceiros.

Nesse sentido, a China, que historicamente possuía escassos vínculos políticos e mesmo comerciais com o Equador, adquiriu, progressivamente, maior relevância no cenário da política externa correísta. Visando analisar tal fenômeno - e considerando que a validade de teorias no âmbito geral das ciências sociais há de ser remetida à evolução histórica dos fenômenos sociais que pretende explicar (FERNANDES, 2000) -, o artigo analisará a forma como as relações bilaterais entre Equador e China interagiram com os objetivos da inserção internacional do governo de Rafael Correa, alinhando-se à perspectiva de Visentini (2013), que indicou a *orientação política daqueles que as formularam* e a *apreciação da forma como estas se articularam com a política interna* como as bases para a compreensão da política externa de um país. A hipótese do artigo é de que o adensamento das relações Equador-China

permitiu ao governo de Rafael Correa fortalecer sua opção estratégica de diversificação de parcerias, com intuito de aumentar suas margens de autonomia e barganha diante da irredutível centralidade das relações bilaterais com os EUA.

O artigo se dividirá em três etapas. De início, o histórico das relações entre o Equador e a China será apresentado, com o objetivo de mostrar como esse relacionamento começou, de maneira turva e marcada por atitudes xenofóbicas advindas do país latino-americano, e foi evoluindo ao longo das décadas para uma situação contemporânea de grande sinergia. Em seguida, se abordará brevemente o processo de ascensão de Rafael Correa à presidência do Equador, em 2007, e as principais diretrizes que moldaram a política externa do país no período da Revolução Cidadã. Por fim, as múltiplas facetas da relação bilateral entre China e Equador serão analisadas num contexto mais amplo, medindo suas consequências para a estratégia de inserção internacional equatoriana.

## **1 Histórico das relações entre Equador e China**

As relações entre o Equador e a China começaram formalmente, em níveis diplomáticos, no dia 2 de janeiro de 1980, com a decisão do então presidente equatoriano, Jaime Roldós, e do líder chinês, Deng Xiaoping. Entretanto os laços e contatos entre os países datam de muito antes. Ainda em 1860, a bordo de uma embarcação equatoriana, um grupo de imigrantes chineses chegou à costa equatoriana para trabalhar como pequenos comerciantes, em uma situação de semiescravidão, uma vez que não recebiam salário e trabalhavam em condições degradantes. Segundo relatos da época, “era fácil encontrar chineses em Guayaquil” (MARMOLEJO apud GRANADOS, 2010, p.41, *tradução nossa*).

Entre os anos de 1899 e 1944 o povo chinês foi proibido de adentrar o território equatoriano. À época, o presidente Antônio Flores achegou a afirmar que “a influência que exercem sobre os costumes da sociedade e sobre as indústrias e transações do país é muito pernicioso” (FLORES apud GRANADOS, 2010, p. 42, *tradução nossa*). Somente em 1944, com a iminente vitória chinesa sobre os japoneses, no contexto da Segunda Guerra Mundial, o então presidente Velasco Ibarra, emitiu um decreto eliminando o anterior e permitindo a entrada de chineses em solo equatoriano.

Posteriormente, em 9 de abril de 1949, foram estabelecidas relações diplomáticas oficiais entre o Equador e a República da China (hoje conhecida como Taiwan), no contexto dos acontecimentos que conduziram os comunistas ao poder na China continental (GRANADOS, 2010, p. 45). Tal medida foi em grande parte encorajada pelos EUA, e se adequava ao

paradigma da bipolaridade. Nesse sentido, não apenas o Equador, mas o conjunto dos aliados estadunidenses no âmbito dos instrumentos multilaterais hemisféricos, como a Organização dos Estados Americanos (OEA) e o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) seguiram o mesmo caminho, refletindo a orientação estratégica de isolar o país que, oficialmente desde 1º de outubro de 1949, se tornou a República Popular da China.

No entanto, as futuras modificações no panorama da Guerra Fria ensejaram transformação em tal paradigma de isolamento da China comunista, e a aproximação sino-americana da década de 1970, forneceu os fundamentos para o posterior adensamento das relações entre os países latino-americanos e os chineses:

Com relativa rapidez, Estados Unidos e China retomaram suas relações diplomáticas – em 1969, as conversações foram reiniciadas; em 1971, a República Popular da China (RPC) passou a fazer parte da ONU no lugar de Taiwan; em 1972, Nixon visitou a China e foi lançado o comunicado de Xangai, seguido por outro mais complexo em 1973, finalizado, em 1979, houve o reconhecimento da RPC e desde então os Estados Unidos perseguem a ‘política de uma só China’ (apesar de não deixarem de apoiar Taiwan, é com a China, com a Grande China, que se desenvolveram as relações diplomáticas formais). (PECEQUILO, 2005, p.19)

Nessa esteira, ainda no ano de 1971 o Equador se pronunciou na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) a favor de conferir à República Popular da China a legítima representação do povo chinês no organismo, em detrimento de Taiwan (BORJA, 2015). E, finalmente, em 1980, o país estabeleceu vínculos diplomáticos com a República Popular da China, reconhecendo Taiwan como sua parte integrante.

Desde 1980, inúmeros encontros de representantes oficiais de ambas as nações foram promovidos com o objetivo de estreitar laços e relações, inicialmente diplomáticas e, posteriormente, comerciais e culturais. Em 1984, o ex-presidente Osvaldo Hurtado visitou a China para firmar um convênio de cooperação econômica e científica; e outro de cooperação crediária, no qual a China concedeu ao Equador uma linha de crédito de 15 milhões de yuans, sem juros (7,5 milhões de dólares). E, quando presidentes, Sixto Durán-Ballén, Jamil Mahuad, Gustavo Noboa e Lucio Gutiérrez também visitaram o país asiático (REYES HERRERA; CHUN LEE, 2017, p. 10).

Cabe mencionar que, desde 1978, foram iniciadas na China as políticas de Reforma e Abertura, que alterava as prioridades nacionais e forma a responder ao atraso econômico, ao caos político e ao isolamento internacional do país (PAUTASSO, 2011). Como destacaram Reyes Herrera e Chun Lee (2017), foi iniciada em 1993 a segunda fase das políticas de Reforma e Abertura, caracterizadas pela definição do petróleo como fonte energética estratégica - na medida em que a China deixou de ser exportadora do produto e passou a

importá-lo massivamente – e pelo aprofundamento da orientação econômica voltada ao mercado, almejando ampliar os destinos e volume de exportações nacionais.

A partir de 2000 foi estabelecido crescente incremento nos vínculos comerciais entre a China e os países latino-americanos, na medida em que crescia a demanda chinesa por matérias-primas e fontes energéticas e, desde 2002, o país ingressara oficialmente na Organização Mundial do Comércio (OMC). Se, durante a Guerra Fria, as relações entre Equador e China foram afetadas tanto pelo aspecto político-estratégico quanto pela falta de maior complementaridade econômica, os influxos da virada do século e dos novos vetores da inserção internacional chinesa alteravam tal paradigma. Afinal, as exportações petrolíferas guardavam essencial relevância na pauta comercial equatoriana.

Em 2002 ocorreu aquela que é considerada como a primeira grande contribuição chinesa em termos de Investimento Estrangeiro Direto (IED) no país. Desde então, a tendência de fortalecimento desses investimentos foi crescente. Como pontuou Piguave (2005), esses estiveram quase totalmente concentrados nos setores de mineração e petróleo, dialogando com a já destacada ênfase chinesa em assegurar o suprimento dos recursos naturais necessários à manutenção de seu acelerado processo de desenvolvimento econômico nacional.

Não por acaso, em novembro de 2007, no seu primeiro ano de exercício na presidência, Rafael Correa, foi o sexto presidente equatoriano a visitar a China. Essa visita, ocorreu em novembro de 2007, quando o gigante asiático era liderado por Hu Jintao. Dentre as principais questões que pairavam sobre o relacionamento bilateral, constavam aquelas relacionadas aos investimentos chineses para a exploração e refinamento do petróleo equatoriano (EL UNIVERSO, 2007).

Observando essa breve retrospectiva das relações entre Equador e China, é visível a tendência esboçada em prol de maior sinergia nas conexões bilaterais. Da hostilidade herdada dos primeiros contatos ainda no século XIX e do afastamento político e econômicos dos tempos da Guerra Fria, o olhar equatoriano com relação a China se modificou principalmente a partir do começo do século XXI, passando a vislumbrar possíveis sinergia e complementaridade. Ainda assim, em 2006, às vésperas de Rafael Correa assumir a presidência, a China representava apenas 1,33% dos destinos de exportações equatorianas, e 6,85% das origens de importações<sup>2</sup>. Para compreender a forma como o correísmo inseriria as relações com os chineses em sua estratégia de inserção internacional, cabe analisar,

<sup>2</sup> Dados fornecidos pelo *Observatory of Economic Complexity* (OEC). Disponíveis em: <[https://oec.world/en/visualize/tree\\_map/hs92/import/ecu/show/all/2006/](https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/import/ecu/show/all/2006/)>.

anteriormente, os principais vetores de sua política externa.

## 2 Correísmo e a Política externa

Em 15 de janeiro de 2007, o ex-professor universitário, ex-ministro e economista, Rafael Vicente Correa Delgado, assumiu a presidência da República do Equador. O seu Programa de Governo tendia à esquerda e possui como pilares a refundação do Estado, a negação do *status*, a retomada da intervenção do Estado na economia, entre outros. Com isso, esse programa possuía como intuito mor, alcançar a parcela mais pobre dos equatorianos que ansiava por ser reconhecida, ouvida e ter seus direitos garantidos.

“Empoderar os grupos sociais marginalizados da sociedade” (AREVALO, 2014, p. 6, *tradução nossa*) por meio da redistribuição de terras e renda, ampliar serviços, como educação, saúde e infraestrutura e alinhar o discurso governamental com os anseios da população indígena, foram exemplos de pautas que elegeram Correa. Esse conjunto de mudanças de paradigmas com intuito de superar o histórico segregacionista equatoriano ficou conhecido como “Revolução Cidadã”, que pode ser relacionado com o “Socialismo do Século XXI”, também presente em países como Bolívia e Venezuela (SHIFTER; JOYCE, 2008).

Cabe ressaltar, entretanto, que a eleição de Correa suscitou diversos questionamentos provindos das classes mais altas da população, das forças políticas tradicionais, da mídia e de intelectuais da esquerda que o acusavam, entre outras coisas, de populista, corrupto e autoritário. Correa, para especialistas como Carlos de la Torre, fez renascer ideologias utópicas como o socialismo, porém não obteve êxito ao tentar obter consensos com os mais diversos movimentos sociais. Outrossim, o ex-presidente também é amplamente acusado por concentrar o poder somente no Executivo e enfraquecer o Judiciário (TORRE, 2018)

Correa também se comprometeu com a população garantindo que, uma vez eleito, iria convocar uma Assembleia Constituinte com intuito maior de assegurar as reivindicações de caráter social e econômico, e assim o fez, resultando na Constituição de 2008, com uma série de implicações para o país:

(...) Dá conta da inclusão democrática do país na globalização, incorpora a pluralidade dos diferentes atores que conformaram o país, e reconhece, simultaneamente, as responsabilidades do estado em gerar desenvolvimento sustentável e os direitos da natureza. Em relação à divisão dos poderes, o texto estabelece outros dois, além do executivo, do legislativo e do judiciário: a função eleitoral, representada pelo conselho nacional eleitoral, e o tribunal contencioso eleitoral, e a função de transparência e controle social, representado pelo conselho de participação cidadã e de controle social (FIGUEROA, 2019, p.7)

Em relação à política externa, o governo de Correa deu centralidade à afirmação de uma inserção internacional soberana, que revertesse a situação de profunda dependência política e comercial diante dos EUA. Assim, priorizou em suas orientações estratégicas a busca da diversificação de parcerias, dando maior ênfase às relações Sul-Sul, ou seja, ampliando o escopo da política externa equatoriana herdada do século XX, que reservou centralidade ao padrão de relacionamento bilateral com os EUA (FLORES, 2019). Sendo assim, ele firmou uma série de acordos e dispositivos com países de diversas regiões (VIANA, 2013).

Esse intuito de diversificação pode ser visualizado nos objetivos do *Plan Nacional de Política Exterior 2006-2020 (Planex)*, concebido em 2006 pelo Ministério de Relações Exteriores PLANEX. A diretriz 4.4.2 do *Planex* traz como meta “(...) diversificar o destino e composição das exportações equatorianas, assim como as fontes de inversão estrangeira direta, prestando atenção aos países da Bacia do Pacífico (em especial China, Japão e Índia)” (PLANEX, 2006, p. 37, *tradução nossa*).

Na esfera regional, tal intento foi refletido nas opções pelo fortalecimento dos mecanismos de integração e concertação multilateral propriamente latino-americanos, com destaque para a adesão, em 2008, à Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América – Tratado de Comércio dos Povos (ALBA-TCP), e à União das Nações Sul-Americanas (UNASUL), com sede na cidade de Quito. Como destacaram Malamud e García-Calvo (2009), essas medidas refletiam também a repulsa correísta aos modelos de integração regional anteriormente hegemônicos na América Latina, pautados por diretrizes neoliberais e alinhadas ao Consenso de Washington.

No que tange às relações com os Estados Unidos, ainda em 2008 Correa assinou um decreto para averiguar casos de espionagem dos EUA dentro do Equador. Embora essas investigações não resultassem em condenações formais, foi um nítido sinal de suas intenções perante aos estadunidenses. Nos anos de 2009 e 2011, o governo de Correa impôs a expulsão de dois diplomatas e uma embaixadora representantes dos EUA em seu país, culpando-os de interferência na política interna, e em 2012 não renovou o acordo que permitia aos estadunidenses o uso da base militar de Manta, em solo equatoriano (FLORES, 2019). O acordo, celebrado em 1999, concedia o espaço para que militares estadunidenses combatessem o tráfico de drogas no Equador e na Colômbia. Também em 2012, a diplomacia equatoriana comportou-se de maneira polêmica ao conceder asilo político ao fundador do Wikileaks, Julian Assange, na embaixada equatoriana em Londres. Assange estava sendo procurado pelos EUA por vazar documentos confidências sobre a Guerra do Iraque e do

Afeganistão, entre outros.

Todavia, a tentativa de afastamento e diversificação não atingiu plenamente o seu êxito, uma vez que entre 2007-2017, os EUA continuaram sendo o principal parceiro equatoriano em questões comerciais e militares. É possível perceber isso ao notar que, em relação a todos os projetos firmados entre o Equador e outras nações, durante o período Correa, os EUA foi país com maior número de instrumentos de cooperação junto da República do Equador, detentor de 28,76% dos projetos. Ademais, entre 2007 e 2018, 32% das exportações equatorianas tiveram como destino os Estados Unidos da América, e também se indica que cerca de 20% de todas as importações do período são provenientes desse país (FLORES, 2019).

Ainda assim, a China, país com 22% da população mundial, porém com somente 7% do seu território detendo terras cultiváveis (SALGADO, 2014) se tornou, naturalmente, uma parceira atrativa para tal estratégia do governo equatoriano. Logo, é a partir da busca da diversificação de parceria que deve se compreender o complexo e relevante adensamento das relações entre o Equador e a China a partir de 2007, com importantes implicações não apenas para os parâmetros de inserção internacional do país, mas também para as esferas econômica e social nacionais.

### **3 Análise das relações bilaterais**

Partindo de uma perspectiva equatoriana para se analisar as relações bilaterais entre o Equador e China e contextualizando-as no panorama mais amplo das mudanças de orientação da política externa equatoriana durante o governo de Rafael Correa, se faz perceptível, em primeira instância, a rápida proporção que esse relacionamento tomou durante os dez anos de Rafael Correa na presidência e o volume de transações e acordos entre ambos. Como exemplo, entre os anos de 2008 e 2014, mais de 30 convênios, de várias espécies, foram firmados entre os países (VIANA, 2014). As principais área de interesse chinês no Equador são as fontes energéticas, principalmente o petróleo, o desejo equatoriano de ampliar sua infraestrutura e o potencial mercado importador, especialmente de tecnologia, desse.

Em 2007, a economia chinesa já alcançava cifras invejáveis, crescendo 13% ao ano e possuindo o terceiro maior Produto Interno Bruto (PIB) mundial (DEZEM, 2009), e o país procurava incansavelmente novos parceiros comerciais. O Equador, assim como outros países da América Latina, rico em recursos naturais, como petróleo, terra cultivável, bacias hidrográficas e imensa diversidade de fauna e flora, além de potencial importador de produtos

tecnológicos, se apresentou como uma nação de grande potencial para a China.

Ademais, cabe ressaltar a localização geográfica estratégica do Equador, além do seu posicionamento histórico acerca do reconhecimento da China, como já abordado, sua moeda corrente, o dólar estadunidense, e a sua já citada necessidade constante de importar produtos de alto valor agregado. Segundo Piguave, “a relação econômica entre o Equador e a China é uma das que com maior rapidez e profundidade se desenvolveu na América Latina” (2015, p. 69, *tradução nossa*).

Os números e cifras que perpassam o relacionamento chinês com a maioria de seus parceiros comerciais, possuem características notáveis por sua protuberância. Para exemplificar, Xi Jinping (líder chinês que está no poder desde 2013) possui como “mote” a razão “1+3+6” em que:

“Um” (1) se refere ao Plano de Cooperação China- América Latina e Caribe” (2015-2019) o qual se pretende alcançar o crescimento inclusivo e o desenvolvimento sustentável. Três (3) representa “três motores” econômicos: comércio, inversão e cooperação financeira. Finalmente, “Seis” (6) se enfoca nos seis campos priorizados pela China na região: energia e recursos, construção de infraestrutura, agricultura, manufaturas, inovação científica e tecnológica e tecnologia da informação (SALGADO, 2014, p.180, *tradução nossa*)

A principal ferramenta chinesa para garantir a cooperação com seus parceiros é o fornecimento de crédito. “Em 2016, por exemplo, o Banco Industrial e Comercial da China (ICBC) proporcionou quase 1 bilhão de dólares ao Governo equatoriano para financiar uma variedade de projetos dirigidos pelo Estado” (PIGUAVE, 2015, p.31, *tradução nossa*). Nota-se que, diferentemente de outros países, como os EUA e Reino Unido, a China preza pela “promoção de uma aproximação pragmática que implica, sobretudo, em diálogo político e cooperação econômico-financeira a base de princípios de complementaridade e benefícios mútuos. Assim, para a China a cooperação não tem caráter assistencialista” (SALGADO, 2014, p.164, *tradução nossa*).

É importante ressaltar que, em dezembro de 2008, Correa declarou moratória ao pagamento de parte da dívida externa da República do Equador. O então presidente a considerava “imoral e uma traição à pátria, claramente ilegítima” (MAISONNAVE, 2008). Sendo assim, o país necessitava de novos credores internacionais e a República Popular da China já possuía histórico de concessão de empréstimos para países, principalmente no continente africano, com dificuldades financeiras e dívidas exorbitantes.

O montante da dívida pública bilateral com a República Popular da China foi de 7,1 milhões de dólares em dezembro de 2007, e representava 0,4% do total da dívida bilateral. Para dezembro de

2010, o montante da dívida com a China se incrementa 803,7 milhões de dólares e é 33,6% do total da dívida pública bilateral. (PIGUAVE, 2015, p.103, *tradução nossa*).

**Tabela 1:** Empréstimos bancários chineses para o Equador

ANO	VALOR (US\$) <sup>3</sup>
2007	4,8 Bilhões
2008	356 Milhões
2009	12,7 Bilhões
2010	35,6 Bilhões
2011	7,9 Bilhões
2012	7 Bilhões
2013	14 Bilhões
2014	13 Bilhões
2015	21,5 Bilhões
2016	10,6 Bilhões
2017	6,2 Bilhões

**Fonte:** China-Latin America Finance Database  
Elaboração própria

De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o total de créditos chineses cedidos ao Equador, entre os anos de 2007 e 2016, se situam em US\$21,883 bilhões, valor que corresponde, por exemplo, a aproximadamente 22,32% do Produto Interno Bruto (PIB) equatoriano de 2016 (HERRERA; LEE, 2017, p.32). Além disso, o Equador, tendo em consideração o mesmo período aqui já citado, foi o terceiro maior beneficiário latino-americano de empréstimos chineses, uma vez que recebeu 17,400 milhões de dólares, ficando atrás apenas da Venezuela e Brasil (GALLAGHE; MYERS,2016).

O Equador se converteu no principal destino das inversões das empresas chinesas na América Latina (...) as inversões do país asiático tem sido variáveis e tem aumentado significativamente nos últimos 5 anos, com o ápice nos anos de 2007 e 2010, devido ao ingresso das inversões do setor petrolífero (PICHUCHO, 2013, p.23)

<sup>3</sup> Inclui empréstimos de bancos de políticas da China, China Development Bank (CDB) e China Export-Import Bank (Ex-Im Bank), para governos e empresas estatais.

**Tabela 2:** Investimentos e Contratos Chineses no Equador por setor (em milhões de dólares)

Ano	Energia	Metais	Transporte	Agricultura	Bens Raízes	Tecnologia
2007						
2008						
2009						
2010	373	65	10			
2011	800					
2012						
2013	0,6			39		25
2014						
2015					42	
2016			52			10
<b>TOTAL</b>	<b>837</b>	<b>269</b>	<b>62</b>	<b>39</b>	<b>42</b>	<b>35</b>

Fonte: China Global Investment Tracker/Elaboração própria

A descoberta de poços de petróleo em solo equatoriano remete ao ano de 1925, através das perfurações da empresa inglesa Anglo American, na península de Santa Elena. Entretanto, esse começou a ser amplamente explorado somente no final da década de 1960, após a descoberta de hidrocarbonetos na região Amazônica em 1968, da revisão de concessões petrolíferas em 1971 e da criação da Cooperação Petrolífera Estatal (CEPE) em 1972 (EL COMERCIO, 2012). Desde então, o petróleo constitui um dos principais produtos equatorianos, constituindo fundamental fonte de recursos para o país. Em 2006:

Se realizou a compra da canadense EnCana pelo consórcio China National Petroleum Corporation (CNPC), o que significa a entrada de USD 1.42 millones na economia do país sul-americano. Ademais, a PetroEcuador firmou em 2007 um convênio com a CNPC para a exploração e desenvolvimento de projetos petrolíferos futuros. (SAMANAMUD, 2013, p. 244, *tradução nossa*)

Como citado anteriormente, o ano de 2006 foi decisivo para que o comércio de petróleo entre Equador e China aflorasse, graças a compra da petrolífera “EnCana” pelo consórcio China National Petroleum Corporation (CNPC). E, já em 2007, a PetroEcuador firmou um convênio a CNPC, com intuito de explorar e desenvolver projetos petrolíferos futuros (SAMANAMUD, 2013, p. 244). No mesmo ano, o governo Correa decidiu participar novamente da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), para obter maior acesso às fontes de crédito internacional (PICHUCHO, 2013).

O Equador tem uma produção três vezes maior que a quantidade de barris de petróleo que consome (...) enquanto a China é o outro lado da moeda, com uma produção diária de mais de 3000 milhões de barris frente ao seu consumo de mais de 8,000 milhões de barris” (SALGADO, 2014, p.180, *tradução nossa*). Como exemplo

do papel central do petróleo nas relações bilaterais entre Equador e China, no ano de 2010, as exportações de petróleo com destino a China representavam 77% de todas as exportações realizadas (ARRELANO, 2014) e, 2014, essa representava “80,99% do total físico e 59,31% do total monetário exportado pelo Equador para a China (PIGUAVE, 2014, p.112).

Cabe notar que “a produção petrolífera no Equador mostrou uma caída nos últimos anos, passando 195.523 milhões de barris em 2006 para 182.357 milhões em 2011, com uma dura queda em 2010, quando a produção chegou a 177.422 milhões” (SAMANAMUD, 2013, p.252). Sendo assim, o país latino-americano enfrentou dificuldades capazes de gerar instabilidades no crescimento do comércio bilateral com os chineses.

Porém, existem inúmeras controvérsias acerca do verdadeiro custo-benefício dessa relação para o país latino-americano, uma vez que diversos casos de corrupção estão ligados a ela, além das denúncias ambientais motivadas pela exploração desenfreada desse tão relevante recurso natural. Em sua obra, “Ecuador Made In China”, Fernando Villavicencio expõe supostos trâmites ilegais presentes na negociação petrolífera. As acusações mais críticas se tratavam do fato que a PetroChina comprava o petróleo equatoriano a preços baixos, para depois revendê-lo aos EUA. O dinheiro passava por paraísos fiscais como Panamá e Ilhas Virgens Britânicas para o esquema não ser descoberto (VILLAVICENCIO, 2013).

O investimento chinês no país não se limita somente ao setor petrolífero:

‘Sete das oito grandes hidroelétricas, quatro construções para controlar as inundações no campo, oito hospitais, três universidades, diversas “escolas do milênio” pré fabricadas e dezenas de rodovias, túneis e pontes” (CONSTRUCCION PAN-AMERICANA, 2017, tradução nossa) foram construídos com auxílio financeiro e técnico advindo da China. Ademais, pesquisas apontam que “7 em cada 10 obras no Equador, durante Correa, foram de responsabilidade da China”. (DENIZ, BORJA, 2017)

Entre elas estão os projetos das hidroelétricas Coca Codo Sinclair, Sopladora e Minas San Francisco. Cabe notar que em 2015, 9% de todo o financiamento chinês destinado a América Latina foi direcionado ao Equador. Entretanto, muitas dessas obras citadas foram acordadas com base em um “regime especial” com intuito de flexibilizar diversas regras, e acabaram se vendo envolvidas em escândalos de corrupção, superfaturamento e atrasos. Para exemplificar, há o caso da hidroelétrica Coca Codo Sinclair, que se tornou marcante na história recente equatoriana. Essa, previa custo de US\$1.579 milhões no seu contrato inicial, porém a estatal chinesa Sinohydro Corporation arrematou a obra por US\$ 1.979 milhões (DENIZ, BORJA, 2017), ou seja, acabou custando 400 milhões de dólares a mais que o previsto. Além disso, os fundos somente foram recebidos pelo governo equatoriano após oito meses, em apenas 85% de seu total, e as obras só começaram de fato após dois anos.

Se tratando da balança comercial bilateral, observa-se que as exportações equatorianas com destino a China se concentram em produtos primários, enquanto as importações possuem maior peso de bens industriais chineses. Essa situação culmina para que o país latino-americano possua déficit comercial monetário com a China, mas superávit comercial físico, uma vez que exporta, principalmente e como já citado, produtos primários. Como exemplo, em 2006 a balança correspondeu a -536 milhões de dólares, em 2007, a -983 milhões de dólares, -1,079 milhões de dólares em 2008, -893.682 milhões de dólares em 2009 e -1,128 milhões de dólares em 2010 (BANCO CENTRAL DEL ECUADOR, 2014). É importante lembrar que, o aumento no fluxo de transações comerciais entre ambos os países é uma das exigências chinesas para o fornecimento de crédito.

Como já colocado anteriormente, o petróleo é o principal produto equatoriano exportado para a China. Em contrapartida, no *hall* de produtos mais importados pelos equatorianos, entre 2006 e 2010, figuram motos (produto mais importado em 2006, 2007, 2009 e 2010) e televisores (produto mais importado em 2008). Ademais, o país também é um grande importador de máquinas utilizadas na construção civil e em indústrias locais, como escavadoras autopropulsadas e fornos industriais (BANCO CENTRAL DEL ECUADOR, 2014).

Além disso, a cooperação militar entre os ambos os países cresceu significativamente no período Correa. Essa, “se intensificou desde a visita do presidente Hu Jintao em 2004. Nesse ano 20 oficiais do exército chinês visitaram a América Latina e o Caribe” (PIGUAVE, 2015, p.109). Entre os anos de 2009 e 2016 foram firmados, pelo Ministério da Defesa equatoriano, nove importantes convênios com a China que se tratavam, primordialmente, da assistência militar gratuita que o Estado chinês forneceria ao Equador (CRIOLLO, 2017, p.100). Além disso, “o Equador segue comprando da China, mísseis anti-aéreos e anti-tanques (...) também recebe doações militares chinesas de caminhões, ambulâncias e outros bens não letais”. (GHOTME, CASTRO, 2016, p.48, *tradução nossa*).

O fenômeno migratório chinês em direção ao Equador também prova o estreitamento de laços entre ambos os países. Apesar da dificuldade em se obter dados concretos que comprovem o exato número de imigrantes chineses situados no Equador, as cifras oficiais internacionais são que, no ano de 2008, 16.500 chinês viviam no país latino-americano (GRANADOS, 2010). Em relação ao turismo, a situação é mais complexa. Em 2008, com intuito de incrementar o turismo no país, Correa aboliu a necessidade de vistos de turismo para qualquer estrangeiro. Entretanto, o próprio governo chinês solicitou que essa nova política não se aplicasse aos seus cidadãos, uma vez que muitos estavam indo para o Equador

com objetivo de imigrar ilegalmente para os EUA. Sendo assim, em 2008 chegaram 14.468 chineses no país com intuito de conhecer o país e, em 2011, 9.291 (EL COMERCIO, 2016).

Mesmo assim, o turismo de chineses com destino ao Equador se fortificou graças às relações comerciais entre ambos. Segundo o Ministério do Interior, entre 2011 e 2015 o turismo cresceu, ao todo, em 11%, chegando a 18.222 turistas, e o turismo de negócios, especificamente, nesse período, cresceu 368,2% (EL COMERCIO, 2016).

As convergências entre a República do Equador e a República Popular da China também pode ser nitidamente percebida ao se analisar o histórico das votações da Assembleia Geral das Nações Unidas. Historicamente, por depender economicamente dos EUA, o Equador sempre manteve seus votos na Assembleia com um perfil muito similar ao dos estadunidenses. Entretanto, o pesquisador Edwin Piguave (2015, p. 111), ao analisar as votações ocorridas em entre 1999 e 2014, constatou que as “coincidências” de voto com a China foram bem maiores em comparação com as coincidências com os EUA. Esse fato demonstra, portanto, que, para além da sinergia comercial bilateral, existe também uma aproximação em termos de visão política no âmbito mais geral das relações internacionais:

Se conclui que a China não tem uma influência direta sobre as decisões políticas latino-americanas (...) O Equador tem maiores coincidências com a República Popular da China nas votações da Assembleia Geral da ONU, inclusive em assuntos que são de importância geoestratégica para os Estados Unidos os quais sua posição é contrária a da China. Isso poderia ser o começo da conformação de novos blocos geopolíticos liderados por economias emergentes como a China (PIGUAVE, 2015, p.112, *tradução nossa*).

Graças às relações com a China, com o fornecimento abundante de crédito e tecnologia e a promoção do comércio bilateral - o Equador logrou, ao longo dos anos 2000, a quantidade de pessoas na linha da pobreza caiu de 37,6%, em 2006, para 25,3%, em 2011, e o salário mínimo aumentou num total de cerca de 130 dólares passados 7 anos de governo (FIGUEROA, 2019, p. 8). O investimento em infraestrutura equatoriana também foi um legado deixado por Correa, que não seria realizado sem o intenso auxílio chinês. De hidroelétricas passando por hospitais e universidades, o governo equatoriano entregou a população investimentos tangíveis e relevantes e acelerou o processo de desenvolvimento da nação.

Ademais, a ajuda humanitária chinesa pode ser percebida quando essa disponibilizou US\$ 9,2 milhões ao Equador, no momento que esse foi afetado por um terremoto em 2016, por exemplo (MONITOR MERCANTIL, 2016). O auxílio técnico-científico também se encontra nas relações entre ambos os países, não só no que tange às forças armadas, mas

também em nível tecnológico e educacional. Podemos citar o ocorrido de 2013, quando o Equador lançou seu primeiro satélite que partiu da base chinesa de Jiuquan (PIGUAVE, 2015), e o Convênio de Cooperação Específica de Educação com o qual o governo chinês concedeu, entre 2014 e 2019, 300 bolsas de estudo para estudantes equatorianos estudarem na China (SENESCYT, 2014).

Sendo assim, o adensamento das relações com a China na constituiu-se como uma etapa importante da estratégia de Correa para haver a diversificação das parcerias. Em comparação ao primeiro ano de Rafael Correa na presidência, é perceptível o incremento das relações comerciais com a China. Como exemplo, em 2007, o Equador importava da China cerca de 1,122 milhões de dólares em produtos chineses. O gigante asiático era assim, o quarto país que mais vendia produtos aos equatorianos, sendo sobreposto, respectivamente, pelos EUA, Colômbia e Venezuela. Já em 2017, o Equador importava, aproximadamente, 3,685 milhões de dólares em produtos chineses<sup>4</sup>, sendo o segundo país que mais exportava para o Equador e só sendo sobreposto pelos EUA.

Em relação às exportações, no começo do governo Correa, o Equador exportava em direção a China o valor de 35,549 milhões de dólares em produtos. Já no final, no ano de 2017, o Equador exportava cerca de 772 milhões de dólares para a China<sup>5</sup>.

## Conclusão

O complexo relacionamento entre o Equador e a China é envolto de polêmicas, escândalos de corrupção e uma balança comercial deficitária para o país latino-americano. Entretanto, essa relação também é marcada por uma cooperação sem precedentes entre um país historicamente inserido numa relação de assimetria e dependência frente aos EUA, como é o Equador, e uma potência global que ainda se encontra em estágio de desenvolvimento, como a China. Observando essa ambivalência, cabe questionar o quão certa estava a frase do ex-presidente Antônio Flores, que há 121 anos afirmou que a influência e interferência chinesa na sociedade e indústria equatoriana era “perniciosa”.

Graças à cooperação e relações bilaterais com a China nos mais diversos setores, o Equador tem conseguido desenvolver uma série de programas econômicos e sociais relevantes para sua população. Além disso, as mudanças de *modus operandi* realizadas por Correa em seus dois mandatos, priorizaram a soberania equatoriana e a diversificação de

<sup>4</sup> Fonte: World Integrated Trade Solution

<sup>5</sup> Fonte: World Integrated Trade Solution

parcerias visando aumentar suas margens de autonomia e barganha diante da irredutível centralidade das relações bilaterais com os EUA, ao mesmo tempo que conseguiu assegurar uma boa relação com os estadunidenses, principalmente em termos comerciais. Outrossim, o ex-presidente também buscou concretizar importantes mudanças na estrutura da sociedade equatoriana, ao priorizar a atuação do Estado nas tarefas em prol da superação dos obstáculos ao subdesenvolvimento.

Apesar da ascensão de Lenín Moreno à presidência, em 2017, ter representado explícita modificação numa série de orientações políticas e estratégicas do país, a relação com a China tende a se solidificar e progredir. Moreno, que já visitou o país asiático em dezembro de 2018, busca maiores concessões de créditos e ampliação da gama de produtos equatorianos exportados em direção à China. O atual presidente, também está realizando esforços para integrar o Equador ao audacioso projeto chinês de interligação continental, a *Belt and Road Initiative*, uma vez que visualiza as diversas oportunidades que esse pode trazer para o país latino-americano. Assim, a tendência à diversificação das parcerias, ensejada a partir do governo de Rafael Correa, tende a ter continuidade, demonstrando sua crucialidade para os objetivos de longo prazo da inserção internacional equatoriana.

## Referências

AEI-AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. **China Global Investment Tracker**, 2020. Disponível em: < <https://www.aei.org/china-global-investment-tracker/>>. Acesso em: 21 setembro 2020.

ARRELANO, Luis. **A Cooperação Bilateral Equador-China. Período 2007 – 2013**. Quito: Instituto De Altos Estudios Nacionales, 2014.

AREVALO LUNA, Guillermo Alexander. Ecuador: economía y política de la revolución ciudadana, evaluación preliminar. **Apuntes del Cenes [online]**, v. 33, n. 58, p.109-134, 2014.

BANCO CENTRAL DEL ECUADOR. **Boletín Anuario**, 2014. Disponível em: <<https://www.bce.fin.ec/index.php/component/k2/item/327-ver-bolet%C3%ADn-anuario-por-a%C3%B1os>>. Acesso em: 01 setembro 2020.

BARREIRO, Katalina. **Orfeo en el infierno. Una agenda de política exterior ecuatoriana**. Quito: Flacso, 2002.

BORJA, J. **35 años de las relaciones Ecuador-China. Discurso Inauguración del Centro Latinoamericano**, 2015. China: Universidad de Lengua y Cultura de Beijing. Disponível em: <<http://docplayer.es/29393774-Discurso-inauguracion-del-centro-latinoamericano-35-anos-de-las-relaciones-ecuador-china-universidad-de-lengua-y-cultura-de-beijing-22-abril-2015.html>>. Acesso em: 01 setembro 2020.

CONSTRUCCIÓN PAN AMERICANA. **Las obras emblemáticas de Ecuador las desarrolla China**, 2017. Disponível em: <<https://www.construccion-pa.com/noticias/las-obras-emblematicas-ecuador-las-desarrolla-china/>>. Acesso em: 18 setembro 2020.

DENIZ, Roberto; BORJA, Sol. **O efeito da expansão chinesa no Equador e na Venezuela**, 2017. Disponível em: <<https://dialogochino.net/pt-br/comercio-e-investimento-pt-br/9830-o-efeito-da-expansao-chinesa-no-equador-e-na-venezuela/>>. Acesso em: 12 setembro 2020.

CRIOLLO, Marco; BARREIRO, Katalina. **Las relaciones bilaterales entre Ecuador China: Factor estratégico de los lineamientos en las políticas de defensa de las Fuerzas Armadas Ecuatorianas durante el periodo 2009-2015**. Quito: Instituto de Altos Estudios Nacionales, 2017.

DEZEM, Vanessa. **China revisa PIB de 2007 e se torna a 3ª maior economia do mundo**, 2009. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/china-revisa-pib-de-2007-se-torna-3-maior-economia-do-mundo-3571849>>. Acesso em: 18 setembro 2020.

EL COMERCIO. **Breve reseña sobre la historia petrolera del Ecuador**, 2012. Disponível em: <<https://www.elcomercio.com/actualidad/negocios/breve-resena-historia-petrolera-del.html#:~:text=En%20el%20Ecuador%2C%20el%20primer,1928%2C%20aunque%20en%20cantidades%20marginales.>> . Acesso em: 12 setembro 2020.

EL COMERCIO. **La entrada de chinos al Ecuador por negocios crece más que por turismo**, 2016. Disponível em: <<https://www.elcomercio.com/datos/turismo-ecuador-china-negocios-data.html>>. Acesso em: 21 setembro 2020.

EL UNIVERSO. **Correa inició visita de seis días a China**, 2007. Disponível em: <<https://www.eluniverso.com/2007/11/19/0001/8/D419432C7DAA4745ABBD36786A922320.ht>>. Acesso em: 18 setembro 2020.

EL UNIVERSO. **Cuatro mandatarios visitaron China desde 1984**, 2003 Disponível em: <<http://www.eluniverso.com/2003/08/24/0001/8/381223D99C114782A2CCF4874FCCF7E4.html>>. Acesso em: 01 setembro 2020.

FERNANDES, Luis. **A revolução bipolar: a gênese e derrocada do socialismo soviético**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2017.

FIGUEROA, J. A. **Equador**, 2019. Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/e/equador>>. Acesso em: 10 setembro 2020.

FLORES, María. **Estudio de las Relaciones Comerciales entre Ecuador- Estado Unidos de Norte América 2013-2017.¿ Del SGP al TLC?**. Quito: Universidad UTE, 2019.

GALLAGHER, K.; MYERS, M. . **China-Latin America Finance Database**. Washington, D.C.: Inter-American Dialogue, 2016.

GHOTME,Rafat Ahmed; RIPOLL DE CASTRO Alejandra. La relación triangular China, América Latina, Estados Unidos: socios necesarios en medio de la competencia por el poder mundial. **Entramado**, v. 12, n. 2, p. 42-53, 2016.

GRANADOS, Juan José. **El fenómeno migratorio asiático a Ecuador: el caso chino**. Quito: Maestría en Ciencias Sociales con Mención en Relaciones Internacionales; FLACSO, 2010.

REYES HERRERA, Milton; CHUN LEE, Po. **La relación China-Ecuador em el siglo XXI: elementos relevantes para la discusión**. Quito: Instituto de Altos Estudios Nacionales, 2017.

MALAMUD, Carlos; GARCÍA-CALVO, Carola. **La política exterior de Ecuador: entre los intereses presidenciales y la ideología**. Madri: Real Instituto Elcano, 2009.

MAISONNAVE, Fabiano. **Equador anuncia moratória de parte da dívida externa**, 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1312200811.htm>>. Acesso em: 18 setembro 2020.

MENA, Francisco Carrión; J. P. **Planex 2020 Plan Nacional de Política Exterior 2006-2020**. Tradução . [s.l.] Ministerio de Relaciones Exteriores de la República del Ecuador, 2006.

MONITOR MERCANTIL. **China anuncia mais ajuda humanitária para o Equador**, 2016. Disponível em:<<https://monitormercantil.com.br/china-anuncia-mais-ajuda-humanitaria-para-o-equador>>. Acesso em: 18 setembro 2020.

PAUTASSO, Diego. China e Rússia e a integração asiática: O sistema sinocêntrico como parte da transição sistêmica. **Revista Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v.2, n.5, 2011.

PECEQUILO, C. S. **A política externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2ª edição, 2005.

PICHUCHO, Diana. **Ecuador y China, socios petroleros. América Latina y El Caribe - China Recursos Naturales y Medio Ambiente**. México: Unión de Universidades de América Latina y el Caribe Circuito Norponiente del Estadio Olímpico, Ciudad Universitaria, 2013.

PIGUAVE, Edwin. **La Relación Económica entre Ecuador y China, 2002-2013**. Equador: Facultad Latino Americana de Ciencias Sociales, 2015.

SALGADO, Diana. Condiciones, no concesiones. Cooperación económico-financiera China-Ecuador. **Revista del Centro Andino de Estudios Internacionales**, Quito, n. 14, 2014.

SAMANAMUD, Germán. China en América Latina: los casos de Ecuador y Perú entre los años 2009-2012, ¿es posible una apuesta hacia el futuro?. **Anuario Mexicano de Derecho Internacional**, México, v.14, p.221-260, 2014.

SENESCYT - SECRETARÍA DE EDUCACIÓN SUPERIOR, CIENCIA, TECNOLOGÍA E INNOVACIÓN. **China y Ecuador afianzan cooperación científica y tecnológica**, 2014. Disponível em: <<https://www.educacionsuperior.gob.ec/china-y-ecuador-afianzan-cooperacion-cientifica-y-tecnologica/>> Acesso em: 18 setembro 2020.

SHIFTER, Michael; JOYCE, Daniel. **Bolivia, Ecuador y Venezuela, la refundación andina**, 2008. Disponível em: <<https://www.politicaexterior.com/articulos/politica-exterior/bolivia-ecuador-y-venezuela-la-refundacion-andina/>>. Acesso em: 18 setembro 2020.

TORRE, Carlos. **El Gran Fraude**. Quito: Montecristi Vive, 2018.

VIANA, Jefferson. Política Externa do Equador: O Modelo de Inserção Internacional do Governo Rafael Correa Delgado. **Monções**: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados, v.2. n.3, 2013.

\_\_\_\_\_. **Política Externa Equatoriana: O Governo Rafael Correa E A Busca Por Autonomia**. Jefferson Pecori Viana; orientadora, Clarissa Franzoi Dri. Florianópolis, 2014.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A projeção internacional do Brasil: 1930-2012**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

VILLAVICENCIO, Fernando. **Ecuador Made in China**. Quito: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2013.

WORLD INTEGRATED TRADE SOLUTION. **Resumen del comercio Ecuador**

2007, 2007. Disponível em:  
 <<https://wits.worldbank.org/CountryProfile/es/Country/ECU/Year/2007/SummaryText>>.  
 Acesso em: 21 setembro 2020.